

## O NOME PRÓPRIO E LALÍNGUA

*Maria Anita Carneiro Ribeiro*

Parto de uma citação de Lacan, no *Seminário, livro 12: problemas cruciais da psicanálise* (1964-1965):

[...]cada um sabe por sua experiência, cada um sabe o que acontece quando procuramos justamente o nome próprio que não conseguimos encontrar, bem, produz-se coisas. Produz-se uma metáfora, produzem-se substituições. Mas é uma metáfora bem singular, pois essa metáfora é inteiramente o inverso daquela da qual pude articular a função para vocês, função criadora de sentido, de significação, de sons, de sons puros que chegam. (LACAN, 1964-1965/inédito, lição de 06/01/1965, p. 76)

Lacan está se referindo ao esquecimento do nome do pintor Signorelli, no trabalho de Freud sobre a “Psicopatologia da vida cotidiana”, de 1901, em que a reconstituição da cadeia significante inconsciente surge em seu esplendor “de sons, de sons puros que chegam”: Bo, Botticelli, Boltraffio, Trafoi, Bósnia, Herzegovina, Herr Signor, Sig. Um rastro de associação de sexo e morte acompanha os sons, a música Bo, elli, Trafio, Trafoi, Herr, Signor, e se detém no apelido Sig. O nome dado pelo Outro e seu enigma.

Colette Soler, em seu trabalho de 2007, “Sobre os nomes da identidade”, chama a atenção para essa ambiguidade própria do nome do sujeito.

Por um lado, ao contrário do patronímico, nome de família, que se transmite automaticamente assinalando uma descendência, o nome próprio é fruto de uma escolha, “é sempre o estigma do desejo do Outro em relação àquele que acabou de chegar”.

Por outro lado, o nome próprio em si não designa nada do sujeito. Segundo Lacan, em “Subversão do sujeito e dialética do desejo” (1960/1998), o nome próprio designa o que de um ser não está identificado e não é identificável ao significante. Ou seja, quando chamo alguém de João, estou designando apenas o que dele não posso conotar por outros significantes. Em outras palavras, o nome próprio resta para o sujeito como um significante enigmático de lalíngua, um dos primeiros que ele aprende a reconhecer e amar, mas que nada diz sobre ele ou sobre o desejo daqueles que o nomearam.

Obter a resposta ao enigma do desejo do outro é o sonho da neurose. Sonho que se tece em análise até que se possa deixar cair os ideais.

Retornando à citação com que abri esta fala, qual seria “a metáfora bem singular” que antecede a metáfora paterna?

Creio que Lacan se refere à primeira substituição, a que recobre x, o enigma do sujeito, a metáfora do desejo da mãe, a metáfora edipiana que deve cair sobre a barra da lei: o Ideal do Eu, I(A), que o neurótico percebe inconscientemente, mas que dele nada diz.

Nas psicoses, notadamente na paranoia e na melancolia, o real infantil de lalíngua revela o que na neurose o recalque encobre: a tentativa de encontrar no nome próprio o lugar preciso do sujeito do desejo no gozo edipiano proibido.

Na paranoia, o sujeito está suspenso – *Verhaltung* –, como nos diz Antonio Quinet, ao significante do Ideal do Eu. Em um trabalho anterior, tive a oportunidade de expor como o Presidente Schreber conseguiu construir, através de seu delírio, o significante ideal que designava as mulheres da família de sua mãe (“mulheres destinadas a parir homens formosos”) e a identificação ao ideal “mulher de Deus”, sua metáfora delirante.

No caso do pintor Salvador Dali, esse ideal foi encontrado no seu próprio nome, Salvador, que era também o nome de seu irmão, nascido três anos antes de sua morte. Em seu delírio, ele e seu irmão morto seriam como os gêmeos da mitologia grega, Castor e Polux, filhos de Lêda, uma mortal, e de Zeus, o deus dos deuses, que se metamorfoseia em um cisne para possuí-la. Ora, Lêda era uma rainha e já estava grávida de seu marido. O engravidar de Zeus, dá à luz dois ovos, um mortal e um divino, nos quais estavam os gêmeos Castor, Polux, Helena e Clitemnestra.

Dali produz inúmeros quadros sobre Lêda e o cisne, nos quais a face e o corpo de Lêda são o de sua mulher, Gala. Consegue, assim, ser o pai, o irmão, e o filho de si mesmo.

Em um de seus quadros mais famosos, pinta o Salvador, Jesus Cristo, em perspectiva, como se, do alto da cruz, ele, Salvador, olhasse a humanidade a seus pés. Deus grego e deus cristão.

Na melancolia, nos diz Freud em seu texto paradigmático de 1915-1916, há sempre uma perda, e esta perda pode aparecer sob a forma de perda de um ideal, do Ideal do Eu.

É o que nos revela o filósofo Louis Althusser, no livro que escreveu, após os terríveis acontecimentos que acarretaram a morte de Hélène, sua esposa, pelas mãos dele próprio.

Louis Althusser foi um grande filósofo francês, marxista, estudioso de psicanálise. A ele devemos a elaboração conceitual dos aparelhos ideológicos do Estado. Era um

gênio, sem dúvida; auto-diagnosticado, e com razão, como melancólico. Foi casado, por mais de trinta anos, com Hélène, também melancólica.

Numa manhã, Hélène lhe pede uma massagem no pescoço e, quando ele dá por si, o pescoço dela está quebrado. Sai em busca de socorro, mas é tarde demais. É preso, porém protegido pela intelectualidade francesa. Seus amigos evitam o julgamento e ele é declarado inimputável, e proibido de lecionar ou escrever por cinco anos. Inimputável, se diz em francês, impronunciável.

Ao cabo de cinco anos da pena, escreve um livro belo e trágico, *O futuro dura muito tempo*. Nele tenta “se pronunciar”, ou seja, dar suas razões, mesmo que delirantes, direito de todo sujeito. Sua hipótese é a de que Hélène tenha se suicidado usando as mãos dele, Louis.

Quanto ao nome próprio, o ideal do desejo perdido do Outro, ele nos diz que seu nome, Louis, era o nome de um outro. Era o nome do noivo amado de sua mãe, que morrera na guerra. Seu pai, irmão do morto, consola a noiva e se casa com ela. Ele, o primogênito do casal enlutado, porta o nome do noivo e do irmão amado e perdido pela mãe e pelo pai.

Ao ouvir chamar seu nome, Louis, é o nome do outro, *lui* (“ele” em francês), que ele escuta, e o “i” prolongado fere seus ouvidos, objeto voz, materializado no seu corpo martirizado.

É o real infantil de lalíngua em sua vertente de horror.

### Referências

ALTHUSSER, Louis. *O futuro dura muito tempo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1992.

FREUD, Sigmund. “El olvido de nombres propios” (1901), *Obras completas*, vol. VI. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

LACAN, Jacques. “Subversão do sujeito e dialética do desejo” (1960), *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. *Problemas cruciais para a psicanálise*, 1964-1965. Publicação não comercial, Centro de Estudos Freudianos, Recife, 2006.

QUINET, Antonio. “O número 1, o único”, *Na mira do Outro*. Rio de Janeiro: Marca D’água, 2002.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. “Bola de fogo, uma história de amor (O presidente Schreber e sua mãe)”, *O amor e suas letras*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

SOLER, Colette. “Os nomes da identidade”. Disponível em: <https://www.uva.br/trivium/edicao1/conferencia/os-nomes-da-identidade.pdf>